

RESENHA

LIVRO

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte Vestígio, 2019.



José Walter Silva e Silva*

 <https://orcid.org/0000-0002-2372-9780>

Jason Ferreira Mafra**

 <https://orcid.org/0000-0002-3650-8055>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, J. W. S.; MAFRA, J. F. Resenha livro “Paulo Freire, mais do que nunca.

Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-6, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.5144>



A biografia é um gênero literário que sugere um perfil de leitor especialmente curioso. Situado entre a narrativa da interpretação dos fatos históricos e uma paleta de subjetividades ficcionais, o leitor de uma biografia busca, grosso modo, pistas para melhor entender o pensamento, a vida, a obra de um biografado, amado ou odiado, admirado ou criticado, mas nunca a ele indiferente. Não resta dúvida que o experiente pesquisador e professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), autor de diversos livros, como *Manifesto por uma escola filosófica popular* (2018) e *Filosofia para crianças* (2008), Walter Kohan, tinha total consciência dessa realidade e da importância de produzir, no momento político atual, uma biografia filosófica de Paulo Freire, personalidade amada e odiada, admirada e criticada, mas, poucas vezes, reinventada, como ele declaradamente gostaria que fosse.

O que encontramos em *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*, é um primoroso trabalho que demonstra a opção do “pedagogo da esperança”, uma dentre tantas denominações que Kohan atribui ao educador, pela “vida filosófica”, uma vida política impregnada de pensamentos forjados pelo estar no mundo.

Logo de início o autor apresenta uma entrevista realizada com Lutgardes Costa Freire, o filho caçula de Paulo Freire, que descreve, muitas vezes em detalhes cotidianos, como foi crescer tendo de adaptar-se às condições impostas pelo exílio ao pai e a toda família, por conseguinte. Ao fazê-lo, Lutgardes abre o espaço necessário para que o leitor mergulhe na perspectiva filosófica que alinhava todo o livro, “a filosofia como um pensamento associado a uma vida”, e percebe o rigor teórico-filosófico do autor ao identificar, na vida filosófica de Paulo Freire, “cinco gestos para inspirar a dimensão política, educacional e filosófica de qualquer vida” (p. 29). Kohan chamou esses gestos de princípios, ou inícios, entendendo-os como formas possíveis de se relacionar, pensar e agir no mundo; como pontos de partida para pensar a contribuição filosófica dada por Freire a educadores e educadoras que, assim como o “mestre dos sonhos pedagógicos”, reconhecem a impossibilidade do ato de educar não se constituir em prática política. Foi a partir desses princípios (inícios), que não trazem consigo qualquer ordem hierárquica ou graus de importância, que o autor estruturou todo o livro.

A vida, como princípio, foi apresentada a partir da premissa de que não há educação filosófica (“emancipadora”, “libertadora” ou “transformadora”, como o autor acredita que Freire denominaria o termo) que não toque e não afete politicamente a vida. A vida filosófica deve ser, portanto, uma “vida vivida de acordo com a filosofia”; uma vida inseparável das ideias filosóficas que contribuem para a definição das práticas políticas e educacionais; uma *práxis*.

Mesmo que exista quem conteste se Paulo Freire foi ou não um filósofo, são diversas as pesquisas que o inscrevem na tradição das principais correntes filosóficas europeias, refletindo a intelectualidade do seu pensamento, como também a reinvenção que ele fazia de si mesmo, atualizando as próprias ideias de acordo com a realidade historicamente determinada. Kohan, portanto, soube perceber essa marca do pensamento freiriano e não cair na armadilha de contextualizar uma ou outra ideia do “pedagogo dos oprimidos” com essa ou aquela corrente filosófica. Ainda que inspirado nessa mesma história, como o próprio autor admite, ele identificou que duas tradições europeias marcaram a relação de Paulo Freire com a filosofia, justamente porque “Elas apontam para uma conexão da filosofia com algo que está fora da filosofia: a política, a educação e a vida” (p. 63). As duas tradições são, portanto, a marxiana (do Marx tardio), na qual a filosofia deve associar-se a formas concretas para transformar o mundo; e a foucaultiana (do Foucault também tardio). Apesar desta última ser pouco associada ao pensamento freiriano, ela vem sendo recentemente apontada por pesquisadores, a partir das discussões propostas pelo filósofo francês sobre a “filosofia da história da filosofia”, tema do último curso ministrado no *Collège de France*. Assim, não apenas Foucault retoma a crítica marxista sobre a filosofia especulativa segundo

* Mestre e doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). E-mail: waltersilva@uni9.edu.br

** Doutor e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove). Diretor do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas educacionais (PROGEPE) na mesma universidade. É membro do Conselho Internacional de Assessores do Instituto Paulo Freire, onde coordenou, de 2000 a 2010, a Universitas Paulo Freire (UNIFREIRE). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Ylê-Educare: educação e questões étnico-raciais. E-mail: jason-mafra@gmail.com

outras categorias, como vai investigar a história da vida filosófica de heróis ético-filosóficos (a exemplo de Sócrates e dos antigos cínicos) pelos seus modos de vida, ou seja, pela forma como viveram uma vida filosófica.

A igualdade foi o segundo ponto de partida identificado por Kohan para inspirar a vida filosófica e a prática político-pedagógica do(a) educador(a). Percebido em diversos momentos da vida e obra de Paulo Freire, a igualdade destaca-se como um princípio político e ontológico, pois parte da certeza de que todo ser humano traz consigo as condições para ser mais. Em outras palavras, as diferentes condições materiais, culturais e intelectuais não se constituem em determinações prévias que justifiquem a oposição da igualdade, ou seja, a desigualdade. A humildade de se perceber igual ao outro diferente passa a ser, portanto, uma virtude pedagógica imprescindível para uma educação socialmente emancipatória, pois ela garantirá que a palavra do oprimido seja verdadeiramente escutada.

Contudo, o autor aponta para uma confusão recorrente em se tratando da igualdade de saberes entre educandos(as) e educadores(as). A humildade de quem educa, em reconhecer que o processo de construção do conhecimento voltado à emancipação dos educandos e educandas pressupõe a igualdade de saberes entre eles, jamais deve ser entendida como um esvaziamento da função pedagógica docente. Não há, no pensamento de Paulo Freire, qualquer afirmação nesse sentido. Pelo contrário, o que se confirmou ao longo da obra do “mestre de Pernambuco” foi a intencionalidade do ato de educar, o seu aspecto político.

As questões que envolvem a igualdade entre educandos(as) e educadores(as) foi reforçada na comparação que o autor fez da obra de Paulo Freire com o pensamento do pedagogo francês, Joseph Jacotot (1770-1840), um dos mais enfáticos defensores da igualdade como condição para a emancipação dos(as) estudantes, como também pautou a entrevista realizada com a pedagoga Ester Pillar Grossi, transcrita no anexo da obra.

Após um “intervalo fotográfico”, contendo registros da vida e da obra de Paulo Freire, Kohan retoma a interpretação que faz da filosofia freiriana apresentando mais um princípio que deve inspirar educadores e educadoras comprometidos(as) com uma educação emancipatória: o amor. Talvez o mais conhecido ponto de partida para compreender a obra do “sonhador de Pernambuco”, o amor e o seu correlato feminino, a amorosidade, se apresentam como energias que conectam pessoas entre si e com o mundo, transformando-os.

Apontando a forte influência de Erich Fromm no pensamento freiriano, Kohan vai demonstrar a coerência de Paulo Freire, que “gostaria de ser lembrado como aquele que amou as plantas, os animais, os homens e mulheres, a terra...”, ou que declarava a sua fé “nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”, na criação de uma pedagogia centrada no amor apaixonado (*Éros*),

na necessária força desse amor para libertar o opressor e o oprimido da irracionalidade destrutiva contida na opressão (*Tánatos*). É essa “pedagogia erótica” que compreende, enfim, a educação como um ato de amor. É ela que se coloca como indispensável para transformar vidas em mais vidas, mundo em mais mundo, assumindo a vocação para transformar o ser em “ser mais”.

Concordando com o filósofo Giuseppe Ferraro, autor do livro *A escola dos sentimentos*, Kohan reafirma a necessidade de uma pedagogia filosófica “que vive o amor que sabe”. Os sentimentos, “feitos de tempo”, não podem ser confundidos com as paixões e com as emoções, efêmeras por natureza. São eles que enlaçam um tempo de relações que nos constituem e, por isso, precisam ser ensinados. Sendo assim, “ensinar é restituir um tempo que não é o cronológico”, o tempo *chrónos*, de caráter quantitativo, mas um tempo *kairós*, aquele necessário, que representa um momento oportuno, singular, de caráter qualitativo; o tempo necessário para acontecer. O autor ainda apresenta o tempo *aión*, “o tempo da infância, do presente, do eterno retorno, da brincadeira, do pensamento, da arte, da filosofia... do amor” (p. 132).

Utilizando-se de poesias de Thiago de Mello, *Canção do amor armado*, e do poeta argentino Roberto Juarroz, *Buscar una cosa*, Kohan vai apresentar o caráter político do amor em Freire, um amor armado, engajado na luta “por um mundo mais amoroso” (p. 135), e também como essa amorosidade filosófica vai apresentar o pior dos três exílios vividos pelo “educador do Nordeste”: aquele imposto meses depois do golpe militar de 1964 (de acordo com Freire, os dois outros exílios são o próprio nascimento e a mudança da família para Jaboatão dos Guararapes, decorrente das dificuldades financeiras advindas da morte do pai).

Assim como o amor, a igualdade e a vida, a errância foi outro princípio que marcou a vida e o pensamento filosófico de Paulo Freire. Para Kohan, foi errando pelo mundo, andarilhando voluntária ou compulsoriamente devido à condição de exilado, que o “educador de Pernambuco” percebeu novas vidas e melhor aprendeu a própria vida e a vida do seu povo, quando, retornando ao Brasil, em 1980, andarilhou pelo país para reaprendê-lo. Errou também pelos livros. Foi por meio deles que Freire viajou dialogicamente pelas ideias e experiências intelectuais dos mais importantes e variados autores, elaborando, reelaborando e, principalmente, conectando ideias que contribuíram para que ele formasse as suas próprias, expressas nos conceitos e nas categorias contidas no conjunto das suas obras. Nesse sentido dado à errância, errância como viagem, duas denominações, em especial, sintetizam a importância da errância na vida e no pensamento freiriano: *O andarilho da utopia*, título de um programa produzido pela Rádio Nederland, apoiado pela Universidade de São Paulo e pelo Instituto Paulo Freire, e, sobretudo, *Menino conectivo*, como ele próprio se denominava.

A errância também pode ser percebida a partir da noção do “não acerto”. Sobre essa perspectiva, Kohan afirma que Paulo Freire, como qualquer ser humano, errou bastante, mas sempre buscou rever-se e aperfeiçoar-se com os erros. Nesse sentido, dentre outras reaprendizagens, menciona os desafios da superação do uso da linguagem machista marcada nos primeiros textos de Freire, a apreciação que fez do processo revolucionário nicaraguense e a escolha de algumas estratégias para a implantação dos programas de alfabetização em Cabo Verde e Guiné-Bissau (p. 153). Kohan demonstra que não há como negar o caráter dialético – e, por conseguinte, dinâmico – com que o pernambucano percebia o erro, o erro como meio para novos acertos, e “como a errância do erro [em Freire] provoca a errância do movimento” (p. 153). O livro *Pedagogia da esperança*, escrito para realizar “um reencontro com a Pedagogia do oprimido”, como ficou explicitado no subtítulo daquela obra, foi citado como exemplo dessa perspectiva criativa do erro, mas pode ser compreendido, também, como mais um exemplo de coerência na vida filosófica vivida por Freire.

Nesse sentido, a errância pressupõe, nas suas possibilidades interpretativas, o movimento pela transformação do mundo em um mundo melhor. É um princípio político que deve estar presente na vida filosófica do educador e da educadora comprometidos com uma educação libertária. Assim, a dimensão antropológica do erro, na pedagogia filosófica freiriana, fundamenta-se na incompletude do ser humano e na sua vocação para “ser mais”, uma vocação que pressupõe um espaço político inédito, porém viável, e aberto, no sentido da necessária construção social, onde a errância da pergunta deverá orientar a sua construção e as práticas educacionais.

Ainda que Kohan não imprima qualquer hierarquia aos princípios (inícios) de uma filosofia freiriana, a apresentação da infância como o último dos princípios deve ser percebida a partir de duas perspectivas. A primeira diz respeito à aparente despreocupação de Paulo Freire com a infância, já que não se dedicou a escrever sobre esse tema. Nesse aspecto, Kohan chama a atenção pelas frequentes menções e lembranças da infância de Freire em seus escritos, pela importância dessa condição na sua leitura de mundo, pela amorosidade experimentada durante a própria infância. São essas lembranças que constituirão o cerne do princípio (início) filosófico identificado por Kohan como *infância*, uma infância existente no tempo da presença, da necessidade de cuidar, de escutar e manter viva a curiosidade de uma pedagogia “menina”, sempre disposta a provocar a dúvida, duvidar e preservar a amorosidade da infância. Trata-se de “uma educação infantil, não por ser uma educação da infância, mas por devir uma infância da educação” (p. 215).

A segunda perspectiva, de caráter mais simbólico, insinua o necessário recomeço tão importante na prática

de um educador libertário. Terminar o livro com a infância é afirmar que a infância não deve ser percebida, ou delimitada, em um tempo cronológico pessoal ou narrativo. A infantilidade, e o amor nela contido, deve estar sempre presente nas práticas educacionais, pois também se constitui em um princípio político.

Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica é um livro que encanta. Encanta pela precisão das epígrafes, companheiras dialógicas constantes do autor com as ideias de outros tantos autores; pelo equilíbrio dado entre profundidade teórica e leveza narrativa; pela sutileza e inteligência como as passagens pela vida de Paulo Freire foram tratadas, sem se desviar do caráter filosófico da proposta original; e, sobretudo, porque contribui para o que o “andarilho da utopia” mais desejava: que o reinventassem.

Reinventar Paulo Freire é analisá-lo criticamente, propondo novos caminhos. Walter Kohan assume esse desafio e deixa isso muito evidente quando avalia minuciosamente a vida filosófica de Paulo Freire, a “vida vivida de acordo com a filosofia”. Mais do que isso, Kohan não se furta em apresentar as críticas acadêmicas, mais ou menos relevantes, mas sobretudo necessárias, realizadas por diversos outros intelectuais – alguns de fato, outros nem tanto.

É possível registrar um momento particular da obra: o apêndice. Ao tratar do movimento mundial conhecido como Filosofia para crianças (FpC), o autor apresenta um debate interessante entre as ideias de Freire e de Matthew Lipman, porém, embora relevante em seu conteúdo interno, dispensável à unidade que tão bem estrutura todo o livro, cujo foco central diz respeito ao caráter político-filosófico dos princípios percebidos na vida e na obra de Paulo Freire.

Contudo, o que se conclui de *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*, é que a importância dessa obra não reside, apenas, no admirável substrato teórico-filosófico apresentado, mas assume destaque especial pelo momento histórico no qual se apresenta. Como o título anuncia e o próprio autor analisa, “mais do que nunca” representa um tempo presente que não passa, um tempo que não se supera nem pode ser confundido como a somatória de todos os tempos, implícita no advérbio de tempo “sempre”. “Paulo Freire, mais do que nunca” aponta a necessidade da filosofia freiriana em um presente constantemente presente, o tempo da educação.

Recebido em: 13/10/2019
Aprovado em: 14/05/2020
Publicado em: 01/04/2020